

A Docência na Educação do Campo no contexto da COVID-19

 Juliana Crespo Lopes¹,  Débora da Silva Noal²,  Nicolly Papacidero Magrin³,  Gabriela Fenandes Chaves Lira⁴,
 Marina Thuane Melo da Silva⁵

¹ Univerzita Karlova (Charles University) - Praga, República Tcheca. Pedagogická Faculta. Magdalény Rettigové 4 - Praha 1. Praha 116 39 Česká republika. ² Fundação Oswaldo Cruz. ³ Universidade Estadual de Londrina - UEL / Fundação Oswaldo Cruz. ⁴ Universidade de Brasília - UnB. ⁵ Centro Universitário IESB.

Autor para correspondência/Author for correspondence: juliana.jcl@gmail.com

RESUMO. A Educação no Campo se configura a partir de lutas históricas por direitos à educação, à terra, à justiça social e ao trabalho. Com o surgimento da Pandemia COVID-19, as vulnerabilidades e precarizações tornaram-se mais evidentes. A partir das adaptações que foram necessárias em função das medidas de isolamento social, emergiu a preocupação com a saúde mental e apoio psicossocial dos atores que tornam possível a continuidade da educação para as populações do campo: os(as) professores(as). Diante disso, o artigo tem como objetivo apresentar uma análise das implicações da Pandemia da COVID-19 na saúde mental e psicossocial dos professores da Educação do Campo. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas por meio de plataformas de comunicação digital com cinco profissionais da Educação do Campo, um de cada uma das cinco regiões do Brasil. A partir da análise do discurso, foram identificadas situações geradoras de sofrimento psicológico bem como os processos críticos protetores que proviam suporte à saúde mental no contexto pandêmico. As práticas pedagógicas remotas tornaram a situação da Educação do Campo e de educadores do Campo ainda mais precária e vulnerável. A pandemia da COVID-19 também acelerou processos de despersonalização e desvalorização da Educação do Campo.

Palavras-chave: saúde mental, atenção psicossocial, educação do campo, emancipação, COVID-19.

Teaching in Countryside Education in the context of COVID-19

ABSTRACT. Education in the countryside is a result of historical fights for the rights of property, education, social justice, and labor. The COVID-19 Pandemic highlighted the existing vulnerabilities and precariousness, and alongside the social isolation came the need to cope with mental health issues and psychosocial support for countryside teachers. This paper aims to present an analysis on the implications of COVID-19 Pandemic in mental and psychosocial health of the countryside teachers. Five countryside education professionals were interviewed, one from each Brazilian region. Online semi-structured interviews were analysed by discourse analysis. The findings showed situations leading to psychological distress as well as critical protective processes, which promoted mental health in the pandemic context. Pedagogical practices from distance have turned the situation of countryside education and its educators even more precarious and vulnerable. The pandemic accelerated processes of depersonalisation and devaluation of countryside education.

Keywords: mental health, psychosocial care, countryside education, emancipation, covid-19.

La enseñanza en la educación rural en el contexto de COVID-19

RESUMEN. La educación en el campo se forma a partir de las luchas históricas por los derechos a la educación, la tierra, la justicia social y el trabajo. Con la aparición de la pandemia COVID-19, las vulnerabilidades y la precariedad ya presentes en el pasado se hicieron más evidentes. De las adaptaciones que fueron necesarias debido a las medidas de aislamiento social, surgió la preocupación por la salud mental y el apoyo psicosocial de los actores que hacen posible la continuidad de la educación para las poblaciones del campo: los maestros. A partir de ello, tenemos el objetivo de presentar un análisis de las repercusiones de la pandemia COVID-19 en la salud mental y psicosocial de los maestros de la educación en el campo. Se realizaron entrevistas semiestructuradas a través de plataformas de comunicación digital con cinco profesionales de la educación en el campo, uno de cada una de las cinco regiones de Brasil. Utilizó el análisis del discurso para identificar situaciones que generaron sufrimiento psicológico y también los procesos críticos que son protectores de la salud mental en contextos pandémicos. Las prácticas pedagógicas remotas dejaron aún más precaria y vulnerable la situación de la Educación en el Campo y de los educadores en el Campo. La pandemia COVID-19 también aceleró la despersonalización y devaluación de la Educación en el campo.

Palabras clave: salud mental, atención psicosocial, educación en el campo, emancipación, covid-19.

Introdução

Côncios do rápido avanço do número de casos confirmados e de mortes em decorrência da COVID-19 em inúmeros países concomitantemente, a Organização Mundial da Saúde passou a caracterizá-la como uma pandemia, no dia 11 de março de 2020 (World Health Organization, 2020). No que diz respeito ao contexto do Brasil, ainda no mês de março de 2020, iniciou-se o fechamento das escolas, tanto do contexto urbano quanto do campo, demandando a realização das atividades educacionais de forma remota. Dezesesseis meses depois do surgimento dos primeiros casos no país, existiam regiões que ainda não tinham previsão para o retorno das aulas presenciais e outras que já experimentavam o rápido aumento do número de casos como uma das consequências da reabertura das escolas. Em Manaus, por exemplo, as aulas foram suspensas em algumas escolas dois dias após o retorno devido ao surgimento de novos casos entre a comunidade escolar (Gomes, 2020). Países como França e Coréia do Sul também passaram pela mesma situação (Coronavírus: as estratégias, 2020).

Experiências com eventos extremos que causam a interrupção do processo escolar oferecem-nos importantes

evidências a serem consideradas. Nessas ocasiões, a ausência de medidas tomadas pelo poder público tende a aprofundar o abismo das desigualdades presentes anteriormente e intensificadas pela situação de emergência (Todos Pela Educação, 2020). Essa premissa dialoga com as orientações da *Inter-Agency Standing Committee* (IASC) para emergências humanitárias, compreendendo que os impactos de situações extremas podem ser amenizados a partir de ações coordenadas entre os governos e outros atores não-governamentais (IASC, 2007).

Em 17 de setembro de 2020, o Presidente da República do Brasil afirmou que professoras(es) estão sem trabalhar e que esta situação lhes é “agradável” (Bolsonaro, 2020). Sua colocação desconsidera a sobrecarga de trabalho e sofrimento psíquico docente desencadeado pelas tentativas de prover práticas educacionais remotas sem o devido suporte das instituições governamentais. Entre os desafios recorrentes postos nesse cenário, estão a adaptação pedagógica abrupta ao exercício profissional e as necessidades de dividir cuidados domésticos com o processo de trabalho, acarretando um alto índice de sofrimento (Gutiérrez et al., 2020). A *Inter-Agency Standing Committee* (IASC, 2020) indica que parte da população em geral pode vivenciar

sofrimentos psíquicos e sociais em razão da pandemia, tendendo ser mais grave a depender das vulnerabilidades às quais as pessoas estão expostas.

A educação é considerada uma importante mediação para que a comunidade consiga enfrentar e reconstruir suas vidas após vivenciar uma situação extrema, como uma pandemia (IASC, 2007). No entanto, o isolamento social, compreendido como principal medida de biossegurança, determinou diversos desafios, especialmente no que se refere à adaptação à modalidade de ensino remoto aliado as vulnerabilidades preexistentes. Em um levantamento realizado entre os meses de abril e maio de 2020, com a participação de 1.906 professores brasileiros, foi identificado que a situação de educação remota tem precarizado o trabalho docente e acarretado, com alta frequência, situações de adoecimentos e autculpabilização (Insfran et al., 2020). Ademais, entre os sentimentos e percepções dos professores brasileiros em diferentes estágios da Pandemia, tem sido identificada a preocupação com a própria saúde e com familiares, a falta de preparo para o ensino remoto e a preocupação com as condições de vida de estudantes (Sentimento e percepção, 2020).

Ao levarmos em consideração o cenário imposto pela pandemia aos

docentes brasileiros, buscamos ouvir professoras(es) da Educação do Campo, sendo este um *lócus* que apresenta importantes especificidades. A Educação do Campo se forma a partir da luta constante por direitos, sobretudo pelo direito à educação, que se relaciona e dá suporte às lutas de resistência, direito à terra, à justiça social e ao trabalho (Caldart, 2010). Nesse sentido, a educação praticada no campo é fundamental para o rompimento de barreiras e da garantia de acesso ao conhecimento, ao mesmo tempo em que reconhece saberes e potencialidades próprios, fortalecendo seus sujeitos (Santos, 2012).

Em relação às condições materiais que sujeitos do campo têm se deparado, encontramos, em comparação às zonas urbanas, um menor acesso às tecnologias digitais, com 50,8% dos domicílios da área rural não dispo de internet, com essa restrição chegando a 66,9% na região Norte do país (Pesquisa Nacional, 2018). Mesmo em relação à luz elétrica, ainda existem territórios isolados sem acesso, como as comunidades Kalunga, em Goiás, que estão ainda em processo de instalação (Comunidades quilombolas, 2020; Oliveira, 2020). Olhar para essa realidade socioterritorial sugere um entendimento acerca das particularidades desse segmento

e buscar, a partir de então, estratégias que contemplem as diversidades do campo.

A oscilação entre a garantia e a não efetivação do direito à educação apresenta barreiras à consolidação de uma perspectiva emancipatória e produz processos de formação aligeirados e precários, os quais desconsideram as singularidades do campo, assim como do contexto em que os profissionais se inserem (Santos, 2012).

A naturalização da destrutividade do processo educativo no campo coloca os professores em posições alienantes frente a situação de trabalho. O impacto psicológico e social desencadeado por essas rupturas demonstra que a pandemia amplifica e sinaliza que essa conjunção está interseccionada com a existência do sofrimento e sua relação com o corpo social. Não se trata de mapear “transtornos mentais” e individualizar questões que se relacionam nas dimensões sociais, políticas e psíquicas (Rotelli et al., 2001), mas, entender, a partir de uma perspectiva psicossocial, as nuances da Educação do Campo no contexto da COVID-19.

Ressalta-se que esses processos não são estanques, desencadeiam-se a partir de uma estrutura que se pauta no desfinanciamento da política de educação, a pensar, por exemplo, sobre a Emenda Constitucional nº 95 de 2016 que versa

sobre o teto dos gastos com saúde e educação em um período de 20 anos. Mas que também está engendrada sobre uma sociedade que se assenta pelo modelo econômico neoliberal, onde a formação subjetiva está atrelada ao processo de privatização das políticas, da liberdade individual e de uma lógica de constante competitividade (Junior, 2021).

Considerando a conjuntura, relatada nesse artigo, somado as adaptações abruptas a fim de oportunizar o processo de ensino-aprendizagem que se fizeram necessárias em função das medidas de isolamento social, emergiu a preocupação com a saúde mental e apoio psicossocial dos atores que tornam possível a continuidade da educação para as populações do campo: os(as) professores(as). Diante disso, esse artigo tem como objetivo apresentar uma análise das implicações da Pandemia da COVID-19 na saúde mental e psicossocial dos professores da Educação do Campo nas cinco regiões geográficas do Brasil, bem como oferecer subsídios para reflexão referentes a essas implicações.

Metodologia

A fim de buscar informações a respeito das situações que educadoras e educadores do Campo têm vivido neste momento de emergência sanitária, foram

contatados pesquisadores de referência de Universidades Federais que trabalham na área e com representantes nacionais da Educação do Campo, a fim de identificar representantes docentes do campo de cada região do país.

Foram realizados encontros online com três professores, uma professora e uma diretora escolar. Cada profissional vinculado a Escolas do Campo em uma das macrorregiões brasileiras, sendo: Manaus – Norte, Ipojuca – Nordeste, Cavalcanti – Centro-Oeste, Uberaba – Sudeste e Gravataí – Sul. Os critérios de escolha foram a indicação por meio de profissionais de referência na área, seguida pela disponibilidade de tempo e de recursos tecnológicos. Cada encontro com educadores(as) contou com a participação de duas pesquisadoras, de modo a possibilitar um espaço maior de interlocução e, também, para garantir uma maior precisão nos registros.

A própria natureza dos contatos já consistiu em uma experiência sobre as adversidades e dificuldades vividas, uma vez que foram realizados através de plataformas de comunicação digital como o *Google Meet* e *WhatsApp* e os fatores tecnológicos e de disponibilidade de tempo já se configuraram enquanto entraves. Foi possível realizar contato através de videochamadas com quatro

educadoras(es), sendo que para a quinta educadora a única ferramenta viável em termos de acessibilidade tecnológica foi a troca de mensagens de texto que, ainda que houvesse uma sincronicidade, encontrou-se dificuldade em manter uma fluidez no diálogo.

Utilizou-se a entrevista semiestruturada com perguntas exploratórias e pontos objetivos a serem observados em todas as entrevistas. Os temas abordados e analisados estavam relacionados à identidade profissional, saúde mental autopercebida, trabalho remoto e ambiência, autonomia no trabalho, retorno presencial das aulas, demanda de trabalho, relações familiares, metodologias pedagógicas, salário e tecnologias.

A fim de analisar os dados gerados utilizamos como estratégia a análise de discurso (Orlandi, 2020). Para apreender as percepções obtidas diante da pesquisa fez-se necessário partir de um olhar crítico e não individual do processo educativo, bem como do sofrimento psíquico (Amarante, 2007). Entende-se a educação correlata à saúde e ao trabalho, enquanto uma política social que não se desvincula das relações de uma sociedade que historicamente demarca as desigualdades inerentes ao modo de produção capitalista (Behring & Boschetti, 2011).

Discussão

A partir da análise dos relatos, bem como das leituras e observações feitas, foi possível identificar que os impactos da COVID-19 na Educação do Campo são exponenciais. Desde o acesso a equipamentos de qualidade, condições mínimas de trabalho aos educadores, o processo de sofrimento ascendente em razão dessas condições, somados às medidas de biossegurança que restringem as ferramentas de acesso aos discentes até as limitações de um ambiente de trabalho que atravessa o espaço familiar, afeta as relações e incide diretamente na forma de desenvolvê-lo, bem como desencadeia novos impactos psicossociais.

A adoção de novas metodologias pedagógicas faz-se fundamental para conseguir driblar, minimamente, esses aspectos negativos desencadeados, bem como demarcar o caráter de resistente que acompanha de maneira histórica a Educação no Campo. A comunicação, em suas variadas formas, é condição essencial para a mediação dos processos de construção de conhecimentos (Cardoso & Rego, 2017; Carminatti & Del Pino, 2019). É através de discussões em sala de aula que estudantes são estimulados a refletir sobre os conteúdos trabalhados, estabelecendo relações entre teoria e

prática, bem como identificar e aplicar conceitos e problemas em seu cotidiano (Littig, Costa & Lorenzoni, 2020). O diálogo promove mediações entre docentes e estudantes, sendo um instrumento fundamental no compartilhamento de conhecimentos escolares (Henríquez & Oñate, 2017).

Quando existem entraves para que estudantes e docentes dialoguem de maneira espontânea e fluída, como é o caso de práticas pedagógicas remotas, parte da função docente é invalidada. Especificamente em relação à Educação do Campo e aos docentes entrevistados, o caráter necessariamente assíncrono de atividades sobrecarregou docentes que já não conseguem separar o tempo dedicado à vida profissional e pessoal, buscando em diferentes momentos estar em contato com seus estudantes. Encontramos essas situações, por exemplo, na narrativa da diretora escolar, a qual referiu, no início das atividades, dificuldades em conciliar as tarefas do lar com tarefas de gestão e docência. No discurso da diretora ficou explícito que não há limites entre o seu espaço pessoal e o tempo dedicado à escola, as funções se tornam um amalgamado, em que se misturam responsabilidades e dificuldade na gestão do tempo.

A respeito da retirada da autonomia docente, um professor mencionou dois fatos que a Secretaria de Educação de seu estado tem articulado desde antes da pandemia e que têm ganhado força no decurso das implicações da COVID-19. O primeiro é a respeito da produção e disseminação de cartilhas a serem seguidas por todas as escolas. Os materiais têm sido vistos por docentes como facilitadores no planejamento e execução de aulas e demais atividades. Opinião que foi compartilhada principalmente por quem não teve sua formação em uma Licenciatura em Educação do Campo. A adoção de cartilhas que desconsideram a realidade da Educação do Campo abre caminho para um processo de homogeneização das práticas pedagógicas em todas as escolas do estado, desconsiderando aspectos políticos, sociais e culturais.

O segundo movimento da mesma Secretaria de Educação foi a introdução do Ensino Médio na modalidade de Educação à Distância nas Escolas do Campo. Iniciada em 2019, a conduta diminui a qualidade das práticas pedagógicas e contribui para o processo de desmonte da profissão docente e da Educação do Campo. Conforme exposto por Silva e Oliveira (2021), o que passa a existir é um maior controle por parte do Estado de elementos pedagógicos e de metodologias,

bem como a desobrigação de educadoras/es com formação adequada para trabalhar na Educação do Campo. Na situação atual, com atividades escolares realizadas de forma remota, há ainda maior risco de fortalecimento e imposição da Educação à Distância no contexto do campo.

A Educação do Campo tem uma especificidade formativa de caráter não conteudista que é apenas contemplada de forma presencial, em uma vivência coletiva. Atividades pedagógicas remotas descaracterizam a identidade docente nas Escolas do Campo. Somado a isso, percebemos uma perda da autonomia docente com relatos de uma gestão mais próxima que, ao invés de colaborar com planejamentos, atua impondo e até mesmo censurando propostas educativas. Práticas pedagógicas remotas promovem uma homogeneização dos fazeres pedagógicos, destituindo educadoras(es) e estudantes de suas próprias experiências e subjetividades (Carvalho, 2020).

Saúde mental

A respeito da saúde mental autopercebida, foram mencionados por docentes enquanto fatos que geraram algum sofrimento: a invasão do trabalho no espaço doméstico, a preocupação com a retomada das aulas e com a aprendizagem

de estudantes, preocupações com a contaminação pelo novo Coronavírus, a perda da autonomia, intensificação das cobranças e o corte brusco de parte da remuneração. Nenhum desses pontos foi unânime, tornando perceptível que não há homogeneidade na identificação dos desafios gerados pela COVID-19. Mas essas pontuações manifestadas demonstram os impactos da pandemia na saúde mental destas(es) educadoras(es) e corrobora com o que é discutido no estudo de Pereira, Santos e Manenti (2020):

A literatura acerca da relação entre o meio do trabalho e os impactos na saúde mental ressaltam que a conjuntura de exploração e precariedade das condições de trabalho têm resultado em prejuízos preocupantes à saúde de professores e demais trabalhadores da educação (Pereira, Santos & Manenti, 2020, p. 28).

Tendo em vista os processos de saúde-adoecimento e sua relação com o trabalho precarizado, podemos utilizar a noção de *processos críticos protetores e destrutivos*, conceitos adotados pela epidemiologia crítica. Nessa abordagem, a noção de “processo” imprime o dinamismo e complexidade e movimento da realidade e, por conseguinte, da saúde. Conforme explicam Viapiana, Gomes e Albuquerque (2018, p. 178) a partir da teoria de Jaime Breilh, “são ‘processos críticos protetores’ aqueles que favorecem defesas e suportes e

estimulam uma orientação favorável à vida humana. Já os ‘processos críticos destrutivos’ geram privação ou deterioração da vida”. Esses processos não existem de maneira abstrata, mas se configuram em dada realidade concreta e histórica. A partir disso, podemos sinalizar enquanto *processos críticos protetores* mencionados pelos(as) docentes: a terapia psicológica individual ou em grupo, religiosidade, articulação e compartilhamento com outros profissionais com quem trabalha, com amigos e com familiares.

Salienta-se a importância em conseguir se colocar frente às injustiças e às arbitrariedades, apontando essa como uma importante estratégia de enfrentamento, reiterando que mais do que falar, é importante ser ouvido. Além disso, há docentes que sinalizam desconforto relativo à mudança nas relações com pares estudantes e outros que adotam a manutenção dessas relações virtualmente como estratégia para a minimização do seu sofrimento. Isso demonstra o quanto a perda da escola, enquanto um espaço presencial de socialização e de compartilhamentos, tem um potencial de gerador de sofrimento. No entanto, assim como demonstra Martins et al. (2021), há também a possibilidade da manutenção dessas relações mesmo à distância, sendo

essa uma importante forma de minimizar essas consequências danosas do ensino remoto.

No que concerne à inserção do trabalho no ambiente doméstico, que antes da pandemia era realizado na escola, foram evidenciados relatos das entrevistadas quanto à dificuldade de conciliar as atividades da escola com as do lar. Segundo Antloga et al. (2020), a desigualdade de gênero se incumbiu, ao longo dos anos, de atribuir como feminina as características do trabalho doméstico e do magistério, assim como outros ofícios, portanto, está direcionado à mulher a execução de tais tarefas ocasionando a sobrecarga do trabalho feminino.

Desse modo, o que se objetiva explicar é sobre os sacrifícios físicos, cognitivos, afetivos e financeiros feito pelas mulheres com vista a responder a demandas familiares, profissionais e pessoais. Sacrifícios que se tornam mais evidentes quando a barreira da vida profissional e íntima está maculada pelo “*home office*”, medida de distanciamento social para contenção da pandemia da COVID-19, corroborando com Castro et al. (2020), em seus relatos sobre a conciliação da mulher/vida docente, doméstica e pessoal.

A divisão de tarefas entre os membros da casa foi se mostrando, ao

longo dos meses, como uma alternativa ao sofrimento desencadeado pelo cenário exposto, segundo os entrevistados. Muito embora, quando o resultado esperado no dispêndio dessas atividades não é alcançado, a responsabilidade tende a recair sobre a mulher.

As mudanças na rotina de trabalho, a reorganização familiar e o fechamento das escolas em decorrência da pandemia da COVID-19 podem impactar na saúde mental e no bem-estar psicológico (Ornell et al., 2020). Foi observado nas entrevistas que as redes de apoio - ou falta delas - oriundas de relações familiares ou sociais, têm grande impacto no trabalho remoto e na saúde mental dos entrevistados.

Além do desafio de manejar conflitos familiares, a questão financeira foi identificada como uma barreira no que diz respeito à saúde mental das(os) entrevistadas(os). A necessidade de adotar restrições financeiras e explicar a situação aos filhos gerou sofrimento e preocupação. A insegurança econômica foi se agravando ao longo da pandemia e exigindo que as pessoas se reinventassem em ações criativas para manter o sustento familiar (Ornell et al., 2020).

Contudo, nem todas as consequências familiares geradas pela pandemia se mostraram negativas, como exposto por Cluver et al. (2020), uma vez

que a dificuldade do momento tende a criar oportunidades de construir laços mais fortes na relação pais e filhos. Essa consequência positiva foi observada em um dos entrevistados descrevendo que a relação com os filhos foi percebida como mais próxima. Vale salientar que a relação foi apontada, por um professor, como uma estratégia de apoio ao bem-estar psicológico. Outra estratégia identificada foi a comunicação com pares por meio digital, gerando uma sensação de pertencimento e acolhimento.

Considerações finais

Ao longo da pesquisa ficou explícito que a relação entre Educação do Campo, saúde e trabalho é indissociável. A análise das implicações da Pandemia da COVID-19 na saúde mental e psicossocial dos professores da Educação do Campo nos permitiu observar o sofrimento psíquico desencadeado por um processo de trabalho que mesmo antes da pandemia já carecia de suporte. Apesar disso, passados meses do início de um processo abrupto de ressignificação das tecnologias de formação, fica evidente a agudização de sistemas já deficitários e adoecedores, uma vez que as(os) professoras(es) não recebem suporte tecnológico, formativo e ou psicológico para desenvolver essas novas estratégias.

Encontramos também que o investimento e valorização na Educação do Campo são esvaziadas pelo desinteresse do Estado frente às necessidades dessa população. As direções tomadas precarizam a vida e desencadeiam sofrimentos que são gerados não apenas pelo desfinanciamento em uma política isolada, mas pelo modo neoliberal de funcionar (Junior, 2021). A própria Emenda Constitucional nº 95/2016 demonstra o desinteresse em políticas de qualidade, sendo a educação fortemente afetada, com mais ênfase na Educação do Campo.

Em um país onde umas das principais causas do adoecimento docente são as questões relacionadas à saúde mental (Diehl & Marin, 2016), a situação específica provocada/intensificada pela pandemia da COVID-19 e por suas decorrências na área educacional precisam ser investigadas. Em específico, faz-se necessário um olhar para o *lócus* da Educação do Campo, marcada por um longo processo de lutas para garantir sua existência e permanência e que, no contexto atual, encontra escassez de recursos de toda a sorte para garantir práticas educacionais de qualidade e que valorizem e fortaleçam o Campo e seus sujeitos.

Nesse sentido, as estratégias de fortalecimentos das lutas sociais do campo que pautem a necessidade de valorização de uma política de educação de qualidade, que dê subsídios e condições de acesso ao ensino e ofereça suporte aos educadores são fundamentais para garantir a diminuição dos índices de sofrimento, como também gerar respostas para amenizar os impactos não apenas advindos, mas ampliados com a pandemia.

Referências

- Amarante, P. (2007). *Saúde Mental e Atenção Psicossocial*. Rio de Janeiro, RJ: Fiocruz.
- Antloga, C., Monteiro, R., Maia, M., Porto, M., & Maciel, M. (2020). Trabalho Feminino: Uma Revisão Sistemática da Literatura em Psicodinâmica do Trabalho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 36(spe), 1-8. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e36nspe2>
- Behring, E., & Boschetti, I. (2011). *Política Social: Fundamentos e História*. Biblioteca básica do serviço social. São Paulo, SP: Cortez.
- Bolsonaro, J. (2020, 17 de setembro). Live da semana com Presidente Jair Bolsonaro. Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=JsIdVBSushc>
- Caldart, R. (2010). Educação do Campo: notas para uma análise de percurso. In Molina, M. C. (Org.). *Educação do Campo e Pesquisa II: questões para reflexão* (pp. 103-126). Brasília, DF: MDA/MEC.
- Carvalho, L. (2020). Educação e Movimentos Sociais: desafios e resistências frente à Pandemia. In *Encontro Internacional do Programa de Pós-Graduação em Ensino – Pandemia e suas Interfaces no Ensino* [Online], Santo Antônio de Pádua: UFF.
- Cardoso, S., & Rego, T. (2017). A mediação do professor no desenvolvimento da expressão escrita em textos argumentativos de alunos pré-vestibulandos: uma análise a partir da perspectiva vigotskiana. *Obutchénie: Revista de Didática e Psicologia Pedagógica*, 1(3), 576-605. <https://doi.org/10.14393/OBv1n3a2017-7>
- Carminatti, B., & Del Pino, J. (2019). Afetividade e relação professor-aluno: contribuições destas nos processos de ensino e de aprendizagem em ciências no ensino médio. *Investigações no Ensino de Ciências*, 24(1), 122-138. <https://doi.org/10.22600/1518-8795.ienci2019v24n1p122>
- Castro, T., Bottega, C., Detoni, P., & Tittoni, J. (2020). Em tempos de coronavírus: home office e o trabalho feminino. *Revista Rumos Sociológicos*, 8(14), 40-64. <https://doi.org/10.15210/norus.v8i14.20017>
- Cluver, L., Lachman, J., Sherr, L., Wessels, I., Krug, E., & Rakotomalala... McDonald, K. (2020). Parenting in a time of COVID-19. *The Lancet*, 395, e64. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30736-4](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30736-4)
- Comunidades quilombolas se preparam para receber energia elétrica.* (2020). MDH, Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Recuperado de: https://www.gov.br/mdh/pt-br/noticias_seppir/noticias/comunidades-quilombolas-se-preparam-para-receber-energia-eletrica

Coronavírus: as estratégias e desafios dos países que estão reabrindo suas escolas. (2020, 24 de junho). BBC News. Recuperado de: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52944468>

Diehl, L., & Marin, A. H. (2016). Adoecimento mental em professores brasileiros: revisão sistemática da literatura. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 7(2), 64-85. <http://dx.doi.org/10.5433/2236-6407.2016v7n2p64>

Emenda Constitucional nº 95/2016. (2016, 15 de dezembro). Altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal, e dá outras providências. Recuperado de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc95.htm

Gomes, R. (2020, 12 de agosto). Dois dias depois de volta às aulas, casos de covid fazem escolas de Manaus suspenderem atividades. Recuperado de: <https://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2020/08/volta-as-aulas-manaus-covid/>

Gutiérrez, A., Ferreira, A., Périssé, A., Castro, H., Pereira, I., & Menezes... Ribeiro, P. (2020) *Contribuições para o retorno às atividades presenciais no contexto da pandemia Covid-19.* Fundação Oswaldo Cruz. https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/contribuicoes_para_o_retorno_escolar_-_08.09_4_1.pdf

Henríquez, V., & Oñate, A. (2017). Dialogicidad y narratividad en profesores de excelencia y su relación con el aprendizaje. *Psicología Escolar e Educativa*, 21(3), 457-466. <https://doi.org/10.1590/2175-35392017021311175>

Insfran, F., Prado, P., Faria, A., Ladeira, T., Sentinelli, T., & Junior, W. (2020). A pandemia da COVID-19 como vitrine da precarização do trabalho docente e da educação: desafios para o ensino em uma democracia fragilizada. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, 6(esp), 166-187.

<https://doi.org/10.12957/riae.2020.52309>

Inter-agency Standing Committee (IASC). (2007). *Diretrizes do IASC sobre saúde mental e apoio psicossocial em emergências humanitárias.* Recuperado de: https://interagencystandingcommittee.org/system/files/iasc_mhpss_guidelines_portuguese.pdf

Inter-agency Standing Committee (IASC). (2020). *Como lidar com os aspectos psicossociais e de saúde mental referentes ao surto de COVID-19: versão 1.5, março de 2020.* Recuperado de: <https://www.paho.org/pt/documents/interim-briefing-note-addressing-mental-health-and-psychosocial-aspects-covid-19-outbreak>

Junior, N. (2021). O Brasil da barbárie à desumanização neoliberal: do “Pacto edípico e pacto social”, de Hélio Pellegrino, ao “E daí”, de Jair Bolsonaro. In Safatle, V., Junior, J., & Dunker, C. (Orgs.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* (pp. 255-282). Belo Horizonte, DF: Autêntica.

Littig, J., Costa, K., & Lorenzoni, L. (2020). A comunicação e aprendizagem em um cenário de investigação: uma análise a partir de um ambiente de aprendizagem. *Educação Matemática Pesquisa*, 22(2), 312-340. <https://doi.org/10.23925/1983-3156.2020v22i2p312-340>

Martins, A., Damasceno, R., Sousa, M., Ripardo, M., Albuquerque, L., & Melo, M. (2021). A experiência de professores no ensino remoto: dilemas, saúde mental e

contextos de trabalho na pandemia. *Expressa Extensão*, 26(2), 154-160. Recuperado de: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/20468/pdf>.

Oliveira, R. (2020, 08 de julho). *Após 20 anos de espera, comunidade quilombola tem acesso a energia elétrica*. G1 Notícias. <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2020/07/08/apos-20-anos-de-espera-comunidade-quilombola-vao-do-moleque-tem-acesso-a-energia-eletrica.ghtml>

Orlandi, E. P. (2020). *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes.

Ornell, F., Schuch, J., Sordi, A., & Kessler, F. (2020). "Pandemic fear" and COVID-19: mental health burden and strategies. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 42(3), 232-235. <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2020-0008>

Pereira, H. P., Santos, F. V., & Manenti, M. A. (2020). Saúde Mental de Docentes em Tempos de Pandemia: os impactos das atividades remotas. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, 3(9), 26-32. <https://doi.org/10.5281/zenodo.3986851>

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. (2018). IBGE. Recuperado de: www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnadcontinua.html?edicao=27138&t=resultados.

Rotelli, F., et al. (2001). Desinstitucionalização, uma outra via. In Nicácio, F. (Org.) *Desinstitucionalização* (pp. 17-61). São Paulo: HUCITEC.

Santos, C. (2012). *Educação do campo e políticas públicas no Brasil: o protagonismo dos movimentos sociais do campo na instituição de políticas públicas*

e a Licenciatura em Educação do Campo na UnB. Brasília, DF: Liber Livro/UnB.

Sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do Coronavírus no Brasil. (setembro, 2020). Recuperado de: <https://institutopeninsula.org.br/pesquisa-sentimento-e-percepcao-dos-professores-nos-diferentes-estagios-do-coronavirus-no-brasil>

Silva, S., & Oliveira, E. (2021). Projeto GOIÁS TEC – ensino médio ao alcance de todos: o estado gestor e o desmonte da profissão docente. *Revista Panorâmica*, 1(esp), 153-158. Recuperado de: <http://revistas.cua.ufmt.br/revista/index.php/revistapanoramica/article/view/1296/19192455>

Todos pela educação (2020, abril). *Retorno às aulas presenciais no contexto da pandemia do Covid-19*. Nota Técnica. <https://bit.ly/35ghnVB>

World Health Organization. (2020). *WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19 - 11 March 2020* Geneve: Author. Retrieved from <https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020> <https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>

Viapiana, V., Gomes, R., & Albuquerque, G. (2018). Adoecimento psíquico na sociedade contemporânea: notas conceituais da teoria da determinação social do processo saúde-doença. *Saúde em Debate*, 42, 175-186. <https://doi.org/10.1590/0103-11042018s414>

Informações do Artigo / Article Information

Recebido em : 08/06/2021
Aprovado em: 18/08/2021
Publicado em: 29/10/2021

Received on June 08th, 2021
Accepted on August 18th, 2021
Published on October, 29th, 2021

Contribuições no Artigo: As autoras foram as responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

Author Contributions: The authors were responsible for designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de Interesse: As autoras declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Avaliação do artigo

Artigo avaliado por pares.

Article Peer Review

Double review.

Agência de Fomento

Não tem.

Funding

No funding.

Como citar este artigo / How to cite this article

APA
Lopes, J. C., Noal, D. S., Magrin, N. P., Lira, G. F. C., & Silva, M. T. M. (2021). A Docência na Educação do Campo no contexto da COVID-19. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 6, e12413.
<http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e12413>

ABNT
LOPES, J. C.; NOAL, D. S.; MAGRIN, N. P.; LIRA, G. F. C.; SILVA, M. T. M. A Docência na Educação do Campo no contexto da COVID-19. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, Tocantinópolis, v. 6, e12413, 2021.
<http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e12413>